

ENTREVISTA | **ROBERTO MENESCAL**

MÚSICO, COMPOSITOR E PRODUTOR

'A bossa nova está viva, muito viva!'

AFFONSO NUNES

Por trás da ideia de verter os maiores sucessos da bossa nova para um formato de orquestra está a mente ativa e inquieta do músico, compositor e produtor Roberto Menescal, um dos pioneiros deste movimento e, porque não dizer, um de seus arquitetos.

Nascido em Vitória e criado no Rio de Janeiro, iniciou seus estudos musicais ainda na adolescência, passando pelo piano e acordeão até se firmar no violão, instrumento que marcaria sua trajetória. Autor de canções como "O Barquinho", "Você", "Nós e o Mar", Menescal foi um dos participantes do icônico concerto do Carnegie Hall (Nova York), em 1962, que abriu as portas do mundo para a bossa nova.

Paralelamente, construiu carreira como produtor e diretor artístico da Polygram/Philips por 15 anos, período em que trabalhou com nomes importantes da MPB. Fundou ainda o selo Albatroz Discos e desenvolveu projetos em cinema e televisão, incluindo trilhas sonoras e programas musicais. Com mais de 400 composições registradas e extensa discografia, mantém, aos 88 anos atividade constante na música brasileira.

Tornou-se embaixador do movimento levando a música brasileira para os quatro cantos do mundo e hoje é um legítimo guardião desta tradição. Mas não pensem num guardião arraigado ao passado. O veterano músico ajudou a revelar cantoras como Leila Pinheiro e Cris Delanno e agora faz do jovem cantor e compositor Theo Bial seu mais novo parceiro e até anuncia um álbum com o músico carioca.

Nesta conversa com o Correio da Manhã, Menescal avisa, com sua serenidade habitual, que a bossa nova está mais viva do que nunca.

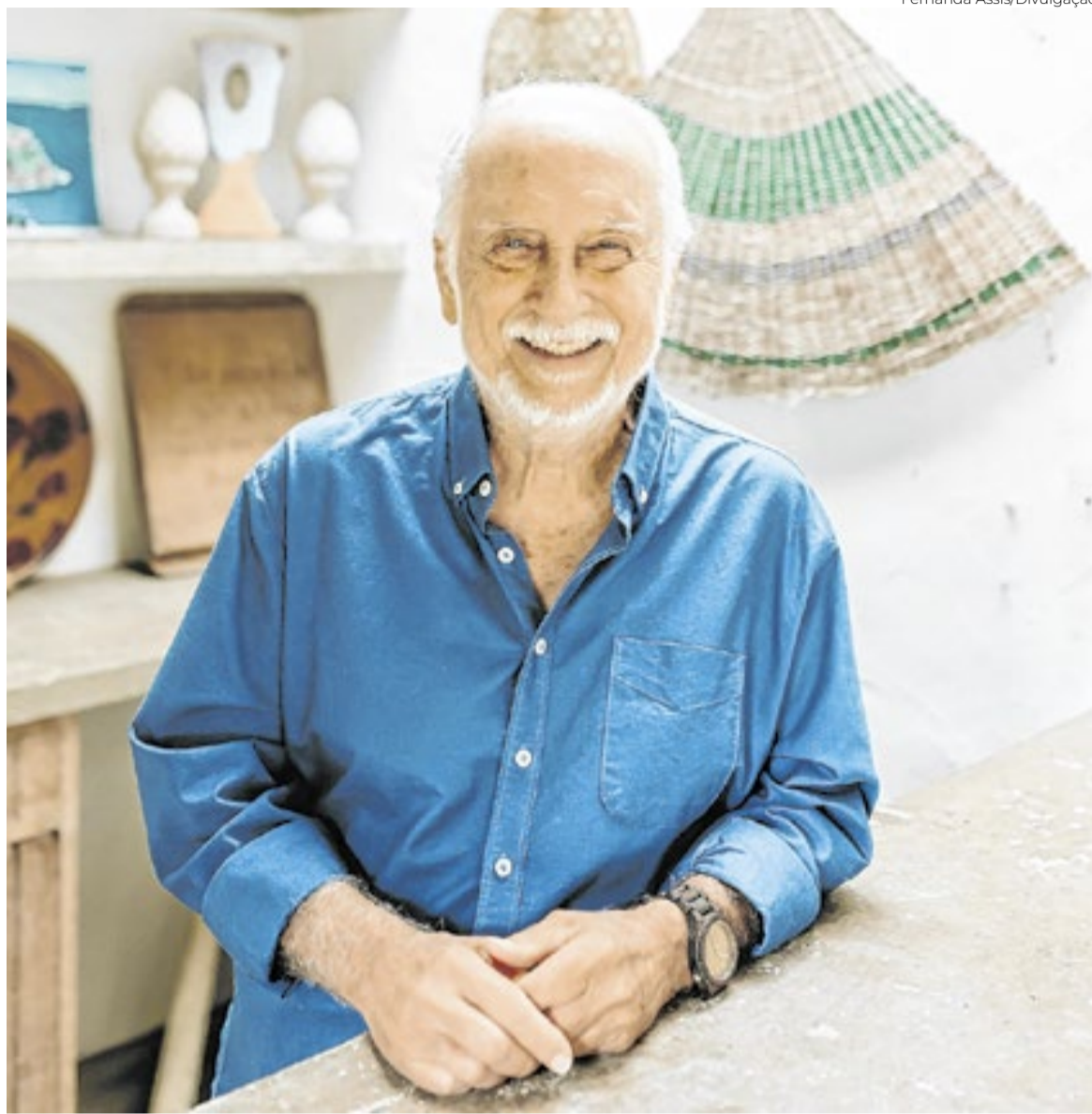
Como o senhor vê a transformação de canções consagradas da Bossa Nova executadas por uma orquestra sinfônica? O que a orquestra adiciona ou transforma na obra original?

Roberto Menescal - Ela pode transformar tudo, se ela quiser transformar mesmo, e pode adicionar algumas coisas, mas manter a forma original da nossa criação. Eu acho que o que a gente vai fazer é isso, quer dizer, usar o poder de uma sinfônica que valoriza a nossa música, mas mantendo também os dados iniciais e a forma que a gente as concebeu. Eu espero que seja assim, e vai ser.

Quem fez os arranjos para orquestra? Como foi adaptar composições criadas na intimidade do violão e voz para uma orquestra inteira?

Os arranjos foram feitos pelo maestro Adriano Machado e ele adaptou as nossas composições, criadas com violão e voz, para uma orquestra inteira. Ou seja, essa formação orquestral vai abrir as obras, algo como se você tivesse um videozinho aqui e, de repente, tivesse a nossa música no cinema, uma coisa bem maior. E tenho certeza que vai ser uma coisa que vai acrescentar muito para a gente e para o público.

Como foi o trabalho com o maestro Adriano Machado?



Fernanda Assis/Divulgação

“*Não consegui ser arquiteto na vida, arquiteto na minha profissão de origem, mas acho que sou um dos arquitetos da bossa nova e acho que estou cumprindo meu papel. Tenho a preocupação de manter a nossa coisa acesa, mais atual, não ficar de vivendo de passado”*

Ele trouxe alguma visão que o surpreendeu ou que mudou sua forma de pensar sobre essas canções que você conhece tão bem?

Na verdade a gente não esteve juntos. A gente mandou para o maestro uma espécie de rascunho do que a gente acha que pode ser legal numa adaptação das canções para o formato orquestra, mas dando a ele liberdade total para que crie em cima. A gente quer aprender também com o que ele pode criar em cima.

O senhor é um dos arquitetos da Bossa Nova. Como você vê seu papel agora —

não apenas como criador, mas como guardião dessa memória?

Olha... o senhor está no céu. E como você observa agora, meu papel não é apenas como criador, mas como guardião dessa memória. Sim, sou um dos arquitetos da bossa nova... claro, porque não consegui ser arquiteto na vida, arquiteto na minha profissão de origem, mas acho que sou um dos arquitetos da bossa nova e acho que estou cumprindo meu papel. Tenho a preocupação de manter a nossa coisa acesa mais atual, não ficar de vivendo de passado. E a gente está conseguindo.

Você reencontra no palco

artistas com quem columbia uma história em comum com a Alaide Costa e a Wanda Sá, para quem você produziu seu álbum de estreia. Mas um de seus colegas neste projeto, o Theo Bial, representa uma geração que não viveu o nascimento da bossa nova. Como é para o senhor ver essa música reinterpretada por jovens artistas?

O Theo é um seguidor da gente, sabe? Para nós é muito, mas muito, importante ver que um cara jovem como o Theo que viveu e bebeu de nossa música, dessa tradição, e está hoje trazendo sua contribuição. Eu estou fazendo músicas com ele, já temos umas quatro, e vamos fazer um álbum juntos. Theo é um dos caras-chave para o seguimento da bossa nova. Todo mundo vai gostar muito dele, tenho certeza.

A bossa nova é frequentemente tratada como um movimento datado na história da música brasileira. Ela está viva? Pode gerar coisas novas?

Sim, ela está viva, muito viva! A gente acabou de fazer uma série de shows pelo Nordeste, São Paulo, Rio Grande do Sul, todos eles lotados. Você pode conferir. Em Porto Alegre era um teatro de 1.100 lugares todo lotado. Então, a nossa música está viva.